

Esta obra foi publicada originalmente em inglês com o título

TEACHING TO TRANSGRESS

por Taylor & Francis Group

Copyright © 1994 Glória Watkins

Tradução autorizada da edição inglesa publicada por Routledge Inc.
parte de Taylor & Francis Group LLC.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida,
armazenada em sistemas eletrônicos recuperáveis, nem transmitida por nenhuma
forma ou meio, eletrônico, mecânico, incluindo fotocópia, gravação, ou outros,
sem a prévia autorização por escrito dos Editores.

Copyright © 2013, Editora WMF Martins Fontes Ltda.,

São Paulo, para a presente edição.

1ª edição 2013

2ª edição 2017

5ª tiragem 2020

Tradução

Marcelo Brandão Cipolla

Acompanhamento editorial

Luzia Aparecida dos Santos

Revisões

Renato da Rocha Carlos

Marisa Rosa Teixeira

Edição de arte

Katia Harumi Terasaka

Produção gráfica

Geraldo Alves

Paginação

Moncir Katsumi Matsusaki

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

hooks, bell

Ensinando a transgredir : a educação como prática da liberdade /
bell hooks ; tradução de Marcelo Brandão Cipolla. – 2. ed. – São Paulo :
Editora WMF Martins Fontes, 2017.

Título original: Teaching to transgress.

ISBN: 978-85-469-0140-1

1. Ensino 2. Feminismo e educação 3. Pedagogia crítica 4. Pensamento
crítico - Estudo e ensino I. Cipolla, Marcelo Brandão. II. Título.

17-02930

CDD-370.115

Índices para catálogo sistemático:

1. Pedagogia crítica : Educação 370.115

Todos os direitos desta edição reservados à

Editora WMF Martins Fontes Ltda.

Rua Prof. Laerte Ramos de Carvalho, 133 01325-030 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 3293-8150 e-mail: info@wmfmartinsfontes.com.br

http://www.wmfmartinsfontes.com.br

Sumário

a todos os meus alunos,
especialmente LaRon,
que está dançando com os anjos,
como agradecimento por todas as vezes em que começamos
de novo – do zero – renovamos nossa alegria de aprender.

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de
não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de
entender e de viver a vida como processo, como vir a ser...”

– Paulo Freire

Eros, erotismo e o processo pedagógico

Os professores raramente falam sobre o lugar de Eros ou do erótico em nossas salas de aula. Formados no contexto filosófico do dualismo metafísico ocidental, muitos de nós aceitamos a noção de que existe uma cisão entre o corpo e a mente. Credo nisso, as pessoas entram na sala para ensinar como se apenas a mente estivesse presente, e não o corpo. Chamar a atenção para o corpo é trair o legado de repressão e negação que nos foi transmitido pelos professores que nos antecederam, em geral brancos e do sexo masculino. Mas os nossos antecessores não brancos eram igualmente ávidos por negar o corpo. A faculdade predominantemente negra sempre foi um bastião da repressão. O mundo público do ensino institucional era um local onde o corpo tinha de ser apagado, tinha de passar despercebido. Quando me tornei professora e sentia vontade de ir ao banheiro no meio da aula, não tinha a menor ideia do que meus antecessores faziam nessa situação. Ninguém falava sobre a relação entre o corpo e o ensino. O que fazer com o corpo na sala de aula? Tento me lembrar dos corpos de meus professores universitários e não consigo me recordar deles. Ouço vozes, rememoro detalhes fragmentários, mas me lembro de pouquíssimos corpos inteiros.

Entrando na classe determinados a apagar o corpo e nos entregar à mente de modo mais pleno, mostramos por meio do nosso ser o quanto aceitamos o pressuposto de que a paixão não tem lugar na sala de aula. A repressão e a negação nos possibilitam esquecer e, depois, buscar desesperadamente nos recuperar, recuperar nossos sentimentos e paixões, em algum lugar isolado – depois da aula. Lembro-me que há muitos anos, ainda estudante de graduação, li um artigo na *Psychology Today* em que se relatava um estudo que revelava que a cada não sei quantos segundos, enquanto davam aula, muitos professores do sexo masculino estavam pensando em sexo – estavam até tendo pensamentos libidinosos acerca das alunas. Fiquei perplexa. Depois de ler esse artigo – que, segundo me lembro, foi distribuído e comentado infinitamente no alojamento –, passei a encarar os professores homens de um modo diferente, tentando fazer a ligação entre as fantasias que eu imaginava estarem na mente deles durante a aula, de um lado, e o corpo deles, que eu fielmente aprendera a fingir que não via. No meu primeiro semestre como professora de faculdade, havia na minha classe um aluno do sexo masculino que eu sempre parecia ver e não ver ao mesmo tempo. A certa altura, no meio do semestre, recebi um telefonema de um terapeuta da faculdade que queria falar comigo sobre o modo como eu tratava esse aluno durante as aulas. O terapeuta me disse que os alunos haviam lhe contado que eu era anormalmente áspera, rude e simplesmente má quando me relacionava com aquele aluno. Eu não sabia exatamente de quem se tratava, não conseguia relacionar o nome dele com um rosto ou um corpo, mas

depois, quando ele se identificou na sala de aula, percebi que eu sentia uma atração erótica por ele. E que meu jeito ingênuo de lidar com sentimentos que eu havia aprendido a nunca ter na sala de aula consistia em me esquivar (e por isso o tratava mal), reprimir e negar. Ultraconsciente, na época, de como a repressão e a negação podiam “ferir” os alunos, eu estava determinada a encarar todas as paixões despertadas na sala de aula e a lidar com elas.

Escrevendo sobre a obra de Adrienne Rich e ligando-a aos trabalhos de homens que pensaram criticamente sobre o corpo, Jane Gallop comenta em sua introdução a *Thinking Through the Body*:

Os homens que se encontram, de algum modo, pensando através do corpo têm mais probabilidade de ser reconhecidos como pensadores sérios e de ser ouvidos. As mulheres têm, antes de mais nada, de provar que são pensadoras, o que é mais fácil quando acatam o protocolo que prega a separação entre o pensamento sério e um sujeito encarnado na história. Rich pede às mulheres que entrem nas esferas do pensamento e do conhecimento críticos sem se tornar espíritos desencarnados, seres humanos universais.

Para além da esfera do pensamento crítico, é igualmente importante que entremos na sala de aula “inteiras”, não como “espíritos desencarnados”. Nos impetuosos primórdios das aulas de Estudos da Mulher na Universidade Stanford, aprendi com o exemplo de professoras ousadas e corajosas (especialmente Diane Middlebrook) que a paixão tinha sim um lugar na sala de aula, que Eros e o erótico

não tinham de ser negados para que o aprendizado acontecesse. Um dos princípios centrais da pedagogia crítica feminista é a insistência em não ativar a cisão entre mente e corpo. Essa é uma das crenças subjacentes que fizeram dos Estudos da Mulher um dos locais de subversão na academia. Embora os Estudos da Mulher tenham tido de lutar no decorrer dos anos para ser levados a sério pelos acadêmicos de disciplinas tradicionais, aquelas entre nós que, como estudantes ou professoras, estiveram intimamente envolvidas com o pensamento feminista sempre reconheceram a legitimidade de uma pedagogia que ousa subverter a cisão entre mente e corpo e nos permite estar presentes por inteiro – e, conseqüentemente, com todo o coração – na sala de aula.

Há pouco tempo, minha colega e amiga Susan B., que foi minha aluna de Estudos da Mulher quando estudante de graduação, me disse numa conversa que estava tendo muitos problemas na pós-graduação, pois se acostumara com um tipo de ensino apaixonado que não existia em sua faculdade. Seus comentários me fizeram pensar de novo sobre o lugar da paixão, do reconhecimento erótico no contexto da sala de aula, pois creio que a energia que ela sentia em nossas aulas de Estudos da Mulher existia em razão da medida em que as professoras que davam esses cursos ousavam se dar por inteiro, indo além da mera transmissão de informação em palestras e conferências. A educação feminista para a consciência crítica se arraiga no pressuposto de que o conhecimento e o pensamento crítico na sala de aula devem informar nossos hábitos de ser e modos de viver fora da escola. Uma vez que tantos de nos-

os primeiros cursos foram frequentados unicamente por alunas do sexo feminino, era mais fácil para nós não sermos espíritos desencarnados na sala de aula. Ao mesmo tempo, esperava-se que transmitíssemos a nossas alunas uma qualidade de carinho e até de “amor”. Eros estava presente como força motivadora em nossas aulas. Como pedagogas críticas, estávamos ensinando às alunas modos diferentes de pensar sobre os gêneros, com plena consciência de que esse conhecimento também as levaria a viver de maneira diferente.

Para compreender o lugar de Eros e do erotismo na sala de aula, temos de deixar de entender essas forças somente em termos sexuais, embora essa dimensão não deva ser negada. Sam Keen, em seu livro *The Passionate Life*, estimula os leitores a lembrar que, em sua mais antiga concepção, “a potência erótica não se limitava ao poder sexual, mas incluía a força motriz que impulsionava todas as formas de vida de um estado de mera potencialidade para um estado de existência real”. Visto que a pedagogia crítica procura transformar a consciência, proporcionar aos alunos modos de saber que lhes permitam conhecer-se melhor e viver mais plenamente no mundo, em certa medida ela tem de se basear na presença do erótico em sala de aula para auxiliar o processo de aprendizado. Keen continua:

Quando limitamos a palavra “erótico” a seu sentido sexual, revelamos o quanto estamos separados do resto da natureza. Confessamos que não somos motivados de modo algum pela força misteriosa que leva os pássaros a migrar ou o dente-de-leão a soltar suas sementes. Além disso, damos a en-

tender que a plenitude ou o potencial que buscamos realizar é sexual – a conexão romântico-genital entre duas pessoas.

A compreensão de que Eros é uma força que auxilia o nosso esforço geral de autoatualização, de que ele pode proporcionar um fundamento epistemológico para entendermos como sabemos o que sabemos, habilita tanto os professores quanto os alunos a usar essa energia na sala de aula de maneira a revigorar as discussões e excitar a imaginação crítica.

Opinando que essa cultura não tem uma “visão ou ciência da higiologia” (saúde e bem-estar), Keen pergunta: “Que formas de paixão podem nos tornar íntegros? A quais paixões podemos nos entregar com a certeza de que elas expandirão, e não diminuirão, a promessa de nossas vidas?” A busca de um conhecimento que nos permita unir teoria e prática é uma dessas paixões. Na medida em que os professores contribuem com essa paixão, que tem de ser baseada fundamentalmente num amor pelas ideias que conseguimos inspirar, a sala de aula se torna um lugar dinâmico onde as transformações das relações sociais se atualizam concretamente e a falsa dicotomia entre o mundo exterior e o mundo interior da academia desaparece. Sob muitos aspectos, isso é assustador. Nada na minha formação de professora me preparou de verdade para ver meus alunos transformando a si mesmos.

Foi nos anos em que dei aula no departamento de Estudos Afro-Americanos de Yale (um curso sobre escritoras negras) que vi como a educação para a consciência crítica pode mudar fundamentalmente nossas percepções da rea-

lidade e nossas ações. Durante um curso, exploramos coletivamente na ficção o poder do racismo interiorizado, não só vendo como ele era descrito na literatura como também questionando criticamente nossas experiências. Entretanto, uma das alunas negras que sempre alisaram o cabelo porque sentiam, lá no fundo, que não teriam boa aparência se o cabelo não fosse processado – se fosse usado “ao natural” – mudou. Um dia, entrou na classe depois do intervalo e disse a todos que as aulas a haviam afetado profundamente, a tal ponto que, quando ela fora alisar o cabelo, uma força dentro dela disse não. Ainda lembro do medo que senti quando ela testemunhou que as aulas a haviam mudado. Embora tivesse uma crença profunda na filosofia da educação para a consciência crítica que dá poder às pessoas, eu ainda não tinha sido capaz de unir confortavelmente a teoria e a prática. Uma pequena parte de mim ainda queria que continuássemos sendo espíritos desencarnados. E o corpo dela, a presença dela, sua nova aparência eram desafios diretos que eu tinha de encarar e afirmar. Ela estava me ensinando. Agora, anos depois, leio de novo as últimas palavras que ela disse à classe e reconheço a paixão e a beleza de sua vontade de saber e agir:

Sou uma mulher negra. Fui criada em Shaker Heights, Ohio. Não posso voltar atrás e mudar os anos em que acreditava que nunca conseguiria ser tão bonita ou tão inteligente quanto muitas de minhas amigas brancas – mas posso seguir em frente orgulhosa de quem sou. ... Não posso voltar atrás e mudar os anos em que acreditava que a coisa mais maravilhosa do mundo seria ser a esposa de Martin Luther King –

mas posso seguir em frente e encontrar a força de que preciso para ser minha própria revolucionária e não a companheira e a auxiliar de outra pessoa. Ou seja, não acredito que podemos mudar o que já foi feito, mas que podemos mudar o futuro. Por isso, estou recuperando e aprendendo mais sobre quem realmente sou, para que possa ser íntegra.

Tentando reunir meus pensamentos sobre o erotismo e a pedagogia, reli os diários de alunos escritos ao longo de um período de dez anos. Várias vezes li anotações que poderiam facilmente ser consideradas “românticas”, em que os alunos expressam seu amor por mim, por nossa classe. Aqui, uma estudante asiática oferece seus pensamentos sobre um curso:

Os brancos nunca compreenderam a beleza do silêncio, dos laços e da reflexão. Você nos ensina a falar e a ouvir o que o vento diz. Como um guia, caminha silenciosamente pela floresta à nossa frente. Na floresta tudo produz som, tudo fala. ... Você também nos ensina a falar, onde todas as formas de vida falam na floresta, e não somente as dos brancos. Por acaso isso não faz parte do sentir-se inteiro – a capacidade de ser capaz de falar, de não ter de ficar em silêncio ou de representar o tempo todo, de ser capaz de ser crítica e honesta – abertamente? Esta é a verdade que você nos ensinou: todas as pessoas merecem falar.

Ou um aluno negro escrevendo que vai me amar “agora e sempre” porque nossas aulas foram uma dança e ele adora dançar:

Adoro dançar. Quando era menino, dançava em qualquer lugar. Por que ir andando até lá quando eu podia gingar e bambolear pelo caminho afora? Quando eu dançava, minha alma se libertava. Eu era poesia. Indo ao supermercado aos sábados com minha mãe, eu dançava com o carrinho pelos corredores. A mamãe se voltava para mim e dizia: “Menino, pare com essa dança. Os brancos acham que é só isso que sabemos fazer.” Eu parava; mas, quando ela não estava olhando, eu pulava e batia os calcanhares uma ou duas vezes. Não me preocupava com o que os brancos pensavam, simplesmente adorava dançar-dançar-dançar. Ainda danço e ainda não me preocupo com o que as pessoas pensam, brancas ou negras. Quando danço, minha alma é livre. É triste ler sobre homens que param de dançar, que param de ser tolos, que param de deixar que suas almas voem livres. ... Acho que, para mim, sobreviver inteiro significa nunca parar de dançar.

Essas palavras foram escritas por O’Neal LaRon Clark em 1987. Tínhamos uma relação apaixonada de professora e aluno. Ele tinha quase dois metros de altura; me lembro do dia em que chegou atrasado na aula, foi direto à frente da sala, me pegou no colo e girou comigo. Todos riram. Eu o chamei de “bobo” e ri. Ele fez isso para se desculpar por ter se atrasado, por ter perdido uns poucos momentos de paixão em aula. Assim, levou seu próprio momento. Eu também adoro dançar. E assim dançamos rumo ao futuro como camaradas e amigos, ligados por tudo quanto havíamos aprendido juntos na classe. Os que o conheceram se lembram de quando ele chegava cedo na sala e fazia imitações cômicas da professora. Ele morreu inesperadamente no ano passado – ainda dançando, ainda me amando agora e para sempre.

Quando Eros está presente na sala de aula, é certo que o amor vai florescer. As distinções convencionais entre o público e o privado nos levam a crer que não há lugar para o amor na sala de aula. Embora muitos espectadores tenham aplaudido um filme como *Sociedade dos poetas mortos*, talvez identificando-se com a paixão do professor e de seus alunos, essa paixão raramente se afirma institucionalmente. Espera-se que os professores universitários publiquem trabalhos científicos, mas ninguém espera ou exige deles que realmente se dediquem ao ensino de um modo apaixonado que varia de pessoa para pessoa. Os professores que amam os alunos e são amados por eles ainda são “suspeitos” na academia. Parte dessa suspeita se deve à ideia de que a presença de sentimentos, de paixões, pode impedir a consideração objetiva dos méritos de cada aluno. Mas essa noção se baseia no pressuposto falso de que a educação é neutra, de que existe um terreno emocional “plano” no qual podemos nos situar para tratar a todos de maneira igualmente desapaixonada. Na realidade, sempre existiram laços especiais entre professores e alunos, mas tradicionalmente eles eram exclusivos e não inclusivos. Permitir a manifestação de sentimentos de carinho e da vontade de promover o crescimento de determinados alunos na sala de aula – de expandir e abraçar a todos – vai contra a noção da privacidade da paixão. Nos diários dos alunos de vários cursos que dei, sempre houve reclamações sobre os laços especiais que eles percebiam existir entre mim e alguns alunos específicos. Quando me dei conta de que meus alunos se mostravam inseguros diante das expressões de carinho e amor na sala de aula, senti a necessidade de

ensinar-lhes esse assunto. Certa vez, perguntei aos alunos: “Por que vocês sentem que a consideração que demonstro por um determinado aluno não pode ser oferecida a cada um de vocês? Por que acham que não existe amor ou carinho suficiente para todos?” Para responder a essas perguntas, eles tiveram de pensar profundamente sobre a sociedade em que vivemos, onde aprendemos a competir uns com os outros. Tiveram de pensar sobre o capitalismo e sobre como ele condiciona o modo como pensamos sobre o amor e o carinho, o modo como vivemos em nosso corpo, o modo como tentamos separar a mente do corpo.

Hoje em dia, nem o ensino nem o aprendizado são muito apaixonados na educação superior. Mesmo quando os alunos anseiam desesperadamente pelo toque do conhecimento, os professores têm medo do desafio e deixam que sua preocupação com a possibilidade de perder o controle sobrepuje seu desejo de ensinar. Ao mesmo tempo, aqueles entre nós que ensinam as matérias de sempre do mesmo jeito de antigamente encontram-se, muitas vezes, interiormente entediados – incapazes de reacender a paixão que sentiam outrora. No ensaio “Learning to Live”, sobre pedagogia, Thomas Merton afirma que o objetivo da educação é mostrar aos alunos como se definir “autêntica e espontaneamente em relação” ao mundo. Se assim for, os professores ensinarão melhor se forem eles mesmos autoatualizados. Merton nos lembra que “a ideia autêntica e original de ‘paraíso’, tanto no mosteiro quanto na universidade, implicava não somente um armazém celestial de ideias teóricas cujas chaves estavam nas mãos dos Mestres e Doutores, mas também o ser interior do aluno” que viria a des-

cobrir o fundamento do seu ser em relação a ele mesmo, às forças superiores, à comunidade. O “fruto da educação ... era a ativação desse centro supremo”. Para devolver a paixão à sala de aula ou introduzi-la nas salas onde ela nunca esteve, os professores universitários têm de encontrar de novo o lugar de Eros dentro de nós e, juntos, permitir que a mente e o corpo sintam e conheçam o desejo.